

A figura do poeta em *Tempo e Eternidade*, de Jorge de Lima e Murilo Mendes

Juliana Steil¹

Resumo

Tempo e Eternidade, obra composta por poemas de Jorge de Lima e Murilo Mendes e publicada em 1935, é um caso raro de poesia como *projeto organizado* na literatura brasileira. Ao se analisar a figura do poeta, tão recorrente no livro, procura-se compreender melhor a proposta de *Tempo e Eternidade*. Embora ambas as partes da obra – a primeira, com textos de Jorge de Lima; a segunda, com textos de Murilo Mendes – tenham sido escritas aparentemente em uma mesma atmosfera social e intelectual, e, em princípio, com as mesmas intenções, a maneira com que elas tratam a figura do poeta é diferente uma da outra. Tanto em Jorge de Lima quanto em Murilo Mendes o poeta é mostrado como entidade capaz de intermediar a relação da vida mundana com o divino, porém, a natureza deste intermediador difere nos dois autores, chegando inclusive a imagens diferentes de Deus.

Em 1934, o mineiro Murilo Mendes e o alagoano Jorge de Lima aliam-se com o objetivo de “restaurar a poesia em Cristo”. A obra que resulta desta parceria é *Tempo e Eternidade*, publicada em 1935, marcando, ao constituir uma proposta organizada de poesia religiosa, um evento raro na poesia brasileira². Apesar de se tratar da proposta de dois poetas de importância reconhecida, ela tem sido pouco discutida nos seus detalhes. Talvez isto se deva ao fato de *Tempo e Eternidade* (doravante *TE*) não ser considerado um ponto alto na obra dos dois poetas, como atesta Andrade (1997: 37). No entanto, o próprio Andrade enfatiza que o livro cumpre um papel muito importante de transição na poesia de ambos. Além disso, *TE* é, consensualmente, o “marco fundamental” (Pinheiro Filho, 2007: 43) da militância católica exercida a partir do Centro Dom Vital.

¹ Doutoranda na Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <julianasteil@gmail.com>.

² Pinheiro Filho (2007: 33) identifica o círculo de intelectuais de inspiração católica em torno do Centro Dom Vital como um “grupo propriamente”, ou seja, “um conjunto de indivíduos dotados de um carisma coletivo que permite reconhecimento recíproco, e que atua programaticamente a partir de um conjunto de crenças e valores que se firmam como um consenso” (grifo nosso). É nesse sentido que nos referimos à publicação de *Tempo e Eternidade* como “proposta organizada”.

O que pretendemos, neste trabalho, é estudar a figura do poeta em *TE* a partir da leitura aproximada dos poemas. Pensamos, assim, que a análise da figura do poeta como sujeito lírico nestes poemas pode ajudar na compreensão do projeto de “restauração da poesia em Cristo” de Jorge de Lima e Murilo Mendes.

A fase que envolve a publicação de *TE* tem sido apontada como um ponto na metamorfose literária de ambos os poetas. A crítica reconhece na poesia de Murilo um “vitral feito do caos”, influenciada especialmente pela tendência surrealista. Alfredo Bosi (1986: 501) o considera “um dos nossos escritores mais afins à vanguarda artística européia”, sem desprender-se de suas origens brasileiras. Para o crítico, “Murilo é poeta de aderência ao ser, poeta cósmico e social que aceita a função dos valores primordiais (...). Místico, ele perfura a crosta das instituições e dos costumes culturais para morder o cerne da linguagem religiosa, que é sempre ligação do homem com a totalidade” (Bosi, 1986: 501).

Se a multiplicidade de referências e pluralidade de meios constituem uma das singularidades da poesia de Murilo Mendes (Barreto, 2004: 143), com Jorge de Lima não é diferente. Na *Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, Jorge de Lima é destaque no verbete “Brazilian Poetry”, tendo se mostrado “um poeta altamente versátil”, atravessando sucessivas experiências espirituais (Preminger & Brogan, 1995: 145). No estudo de Ricardo Gonçalves Barreto (2004: 56), o projeto poético de Jorge de Lima “instaura-se sob a lei da máxima conciliação de referências, utilizando um resíduo literário de temáticas, no plano dos significados, e modos de representação já vistos em outros textos e poetas, no plano da expressão, mas sempre armados de um tom particular”.

Já no Rio de Janeiro, nos anos 30, os dois poetas participam da revista *A Ordem*, à qual também estava ligado o artista plástico Ismael Nery³.

A Ordem foi o primeiro passo de Jackson de Figueiredo para a fundação do Centro Dom Vital em 1922, no Rio de Janeiro. Seu pensamento, que procurava aproximar a organização da sociedade da “ordem perdida”, tinha uma dimensão expressamente política. Pinheiro Filho (2007: 38) explica que Jackson de Figueiredo havia tomado por tarefa criar instituições que formassem, “a partir do culto da ordem (e da hierarquia e autoridade, seus correlatos), novos quadros capazes de intervir, em nome do catolicismo e em consonância estrita com as diretrizes da Igreja, em todas as dimensões da realidade brasileira”.

Alceu Amoroso de Lima, ou melhor, Tristão de Athayde, é quem sucede Jackson de Figueiredo na liderança do Centro Dom Vital. Dando seqüência aos princípios do fundador, Tristão será o crítico que associará o cristianismo à literatura brasileira moderna. Em *Estudos: 2ª série* (1928: 328), ele diz: “Penso que, se quisermos criar uma arte e literatura perfeitamente nossas, teremos de fazê-lo dentro dessa estrutura religiosa fundamental [a ‘estrutura necessariamente católica da nossa civilização nacional’]. E isso, longe de ser uma limitação, será uma itensificação”. Ao fixar “um padrão católico de avaliação da obra literária” (Pinheiro Filho, 2007), Tristão de Athayde constrói bases para a estética católica desenvolvida pelo grupo formado por Ismael Nery, Jorge de Lima e Murilo Mendes, sendo *TE* sua principal realização literária.

TE não é uma obra de co-autoria plena como pode parecer à primeira vista; na verdade, ela é composto por duas metades: a primeira contém quarenta e cinco poemas de Jorge de Lima e a segunda, trinta e seis poemas de Murilo Mendes.

³ Ismael Nery, com o seu *essencialismo* – “um catolicismo místico (...), espécie de disciplina mental para apagar o tempo e desviar-se da contingência” (Pinheiro, 2007: 43) –, é considerado o responsável pela conversão de Jorge de Lima e Murilo Mendes ao catolicismo. No caso de Murilo Mendes, diz-se que a conversão ocorreu durante o velório de Nery. Um relato do episódio, feito por Pedro Nava, pode ser lido em Barbosa & Rodrigues (2000: 88-89).

Poeta-profeta

Os poemas de Jorge de Lima em *TE* apresentam uma quase unidade de conjunto, estabelecida por recorrência de temas e até mesmo de versos e já indicada no poema de abertura, “Distribuição da poesia”. Este poema é decisivo porque funciona como Prelúdio aos poemas subsequentes, preparando as expectativas do leitor:

Mel silvestre tirei das plantas,
sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Só tenho poesia para vos dar.
Abancai-vos, meus irmãos.
 (“Distribuição da poesia”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 11)

Com um tom solene e ecos da Bíblia em língua portuguesa (pelo uso do “vós”, por exemplo), estes versos marcam os traços da personagem que fala em primeira pessoa e sugerem a sua participação nos 44 poemas restantes. Em “Distribuição da poesia”, esta personagem, *poeta*, aparece como alguém testemunha de todos os males, mas a sua posição já está assumida; ele está do lado da “luz”:

A vida está malograda,
creio nas mágicas de Deus.
 (“Distribuição da poesia”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 11)

O poeta a serviço do Senhor

A figura do poeta entregue à tarefa de divulgar a palavra de Deus surge neste mesmo poema, “Distribuição da poesia”, sendo reafirmada em “Aceito as grandes palavras”:

Aceito a oração para mim e para distribuí-la como pão.
 (“Aceito as grandes palavras”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 27)

Aqui, ao mesmo tempo em que o poeta exprime a aceitação da sua tarefa, pede proteção em meio às distrações cotidianas. Mais adiante, no cenário também pessimista de “Estrela, ó estrela”, a personagem do poeta afirma-se um “relâmpago” divino no meio da escuridão:

Da noite que vim,
pra noite que vou:
relâmpago de Deus – sou.
 (“Estrela, ó estrela”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 32)

O poeta perdido

Nos poemas iniciais, Jorge de Lima usa o tema da nau perdida no mar para referir-se à situação do poeta antes de lhe ser dada a revelação. Ao repetir alguns versos de “Distribuição da poesia”, “A noite desabou sobre o cais” faz crer que a personagem do poeta volta no tempo, um tempo de dúvida, no qual perde-se por falta de direção:

Na minha geografia existe apenas
perdido no mar o cabo do Não.
...
Capitão-mor perdi-me no mar.
Onde é que fica a minha ilha?
 (“A noite desabou sobre o cais”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 14)

A mensagem, porém, é ambígua. Ao estado psicológico do eu lírico soma-se uma outra dimensão, que se refere à esfera dos problemas sociais, onde o eu lírico toma a forma de um porta-voz de uma nação marginal. Este duplo conflito do poeta segue em “O navio viajando”, que também traz uma representação do poeta perdido. A nau do poeta que vaga por terra e mar – simbolizando, talvez, a oscilação ideológica – evoca, nestes versos, a imagem da busca pela transcendência:

Entre o mar e a terra viajo há séculos,

sem encontrar céu, sem encontrar céu.
Mas tenho a ânsia deste país.
Minha caravela não pode voar,
não pode subir,
não pode subir
("O navio viajando": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 16)

Manifesta-se aí a preocupação do eu lírico com o seu meio problemático, que o impede de seguir a sua viagem transcendental.

O poeta guiado por Deus

O tema da nau perdida no mar continua em dois poemas mais, que são "A mão enorme" e "Pelo vôo de Deus quero me guiar". Em ambos, o poeta perdido encontra amparo nos braços de Cristo. "A mão enorme" anuncia a descoberta de uma razão subjacente a tudo:

Que mão é essa maior que o mar?
...
A não lá vai.
Acima dela
a mão eterna
lá está.
("A mão enorme": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 17)

Do mar tempestivo, o olhar do eu lírico volta-se para o céu. "Pelo vôo de Deus quero me guiar" mostra, por meio da imagem do naufrago que clama por salvação, a opção do poeta, agora assumida:

Quero tua mão
para me apoiar,
pela Tua Mão
quero me guiar.
("Pelo vôo de Deus quero me guiar": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 18)

Ainda mais segura esta escolha do poeta parece em “Quero ser ensinado por Deus”, de uma maneira mais direta:

Quero ser ensinado por Deus.
Ciência não me satisfaz.
Mundo não e satisfaz.
Diabo não me distrai.
 (“Quero ser ensinado por Deus”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 39)

Poeta pecador

Embora tenha estreita ligação com a entidade divina, o poeta de Jorge de Lima em *TE* não perde a sua qualidade de ser imperfeito. Em vários poemas a figura do poeta é de um homem que erra, sofre, arrepende e pede perdão. Em “O poeta diante de Deus” há um diálogo entre Deus e o poeta; Deus acusa o poeta de falar sobre as coisas ruins do seu tempo. Este texto mostra o inconformismo do poeta pela miséria terrena sem dizê-lo diretamente, a própria construção do poema favorecendo a idéia de temor à Deus. No fim do diálogo, Deus perdoa:

– O pensamento que te dei era muito diferente
da voz gritando tanta coisa ruim. Vem.
 (“O poeta diante de Deus”: fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 48)

Poeta desamparado

Outro poema que explora em profundidade o tema do poeta é “Adeus poesia”, o penúltimo poema da parte de Jorge de Lima em *TE*:

Senhor Jesus, o século está podre.
Onde é que vou buscar poesia?
Devo despir-me de todos os mantos,
os belos mantos que o mundo me deu.

Devo despir o manto da poesia.
Devo despir o manto mais puro.
Senhor Jesus, o século está doente,
o século está rico, o século está gordo.
Devo despir-me do que é belo,
devo despir-me da poesia,
devo despir-me do manto mais puro
que o tempo me deu, que a vida me dá.
Quero leveza no vosso caminho.
Até o que é belo me pesa nos ombros,
até a poesia acima do mundo,
acima do tempo, acima da vida,
me esmaga na terra, me prende nas coisas.
Eu quero uma voz mais forte que o poema,
mais forte que o inferno, mais dura que a morte:
eu quero uma força mais perto de Vós.
Eu quero despir-me da voz e dos olhos,
dos outros sentidos, das outras prisões,
não posso Senhor: o tempo está doente.
Os gritos da terra, dos homens sofrendo
me prendem, me puxam – me dai Vossa mão.
("Adeus, poesia": texto integral.
In: Lima & Mendes, 1935: 67)

Neste poema, a posição do poeta também está marcada no eu lírico, que desenha o texto na forma de uma prece, sinalizada pelo vocativo, logo no início do poema, "Senhor Jesus".

Nesta prece de tom confessional à medida que o eu lírico, poeta, vai relatando problemas, são recorrentes as imagens de tempo e da vida terrena. Já a partir do primeiro verso: "o século está podre", "que o tempo me deu, que a vida me dá", "os belos mantos que o mundo me deu.", repetindo ao longo do poema os itens "século", "tempo" e "vida".

As representações terrenas estão carregadas de atributos negativos. Assim, o século está "podre" e "doente", e ainda "rico" e "gordo", também tomados em acepção negativa pelo eu lírico.

A podridão e a doença do tempo instalam no seio do poema a oposição *feio vs. belo* – o *belo* representado pela "poesia". A poesia é o mais belo e puro manto que a condição humana poderia oferecer ao poeta, sugerindo a poesia como uma instância

elevada, “acima do mundo / acima do tempo, acima da vida”. A poesia é uma instância anterior ao poeta.

Embora a poesia – o belo, a bênção – pareça, no contexto do poema, maior que o plano temporal, ela materializa-se como expressão humana, como o material do plano temporal. Por isso, o mundo em crise não pode deixar de interferir na tarefa do poeta. Daí a importância da figura do manto: ao mesmo tempo em que a poesia protege e eleva o poeta, o compromisso que o poeta supostamente deve ter com a realidade, nesse caso problemática, pesa como um fardo.

Os problemas do tempo impedem o caráter transcendental da poesia, fazendo o poeta desejar libertar-se de sua tarefa (“devo despir-me da poesia”, etc), de modo que o sentimento de desamparo na sua *missão* de poeta é o sentido da prece por consolo e ânimo para a continuação da tarefa: “Senhor Jesus, / (...) me dai Vossa mão”.

A poesia como força independente

Se em “Adeus, poesia” o poeta se mostra cansado e impotente diante da realidade caótica, “Poeta, poeta, não podes” afirma o seu poder de mudança:

Desarrumar as terras do mundo.
Poeta, podes fazer.
Arrumar sem limites de pátria!
Poeta, podes fazer.

Extinguir a palavra de Deus,
afastar a Verdade da Terra.
Poeta, não podes fazer.
 (“Poeta, poeta, não podes”: texto integral.
 In: Lima & Mendes, 1935: 30)

O eu lírico faz representações de longas distâncias (físicas, geográficas, no plano literal) às possibilidades de ação do poeta. O poeta é, portanto, um sujeito com um poder (criador) excepcional de interferência na realidade temporal. Porém, apesar de

poder fazer coisas extraordinárias, ele não tem autoridade suficiente para desfazer a aliança divina:

Extinguir a palavra de Deus,
afastar a Verdade da Terra.
Poeta, não podes fazer.

De acordo com esta leitura, trair a verdade cristã é o que o poeta não pode fazer. Além disso, a resolução que o último verso do poema propõe aos dois versos anteriores sugere que a palavra de Deus, ou a doutrina cristã, é maior que o poeta, inatingível, imutável, absoluta, fora do seu alcance de possibilidades.

“Sono e despertar do poeta” segue com a idéia da poesia como realidade independente do poeta. O poema fala sobre a vida e a morte como fases contínuas do tempo, sugerindo a vinda e o retorno do poeta da e para a eternidade:

Antes de tu te extingüires, Sol,
olha o espírito continuando.
 (“Sono e despertar do poeta”: fragmento.
 In: Lima & Mendes, 1935: 35)

“O poeta vence o tempo” retoma o jogo poético que põe em contato o antes e o depois da experiência terrena, fundindo-os. À experiência anterior e posterior ao tempo, o eu lírico poeta equipara a própria poesia:

...
ou se é mesmo a poesia
que vemos no céu
– antecedente e posterior a tudo.
 (“O poeta vence o tempo”: fragmento.
 In: Lima & Mendes, 1935: 46)

A poesia vista como força independente e transcendental do tempo também fica evidente em “A poesia está muito acima”, como já sinaliza o título da peça. Depois de tecer um discurso que ironicamente corrobora extravagâncias de poder, o eu lírico exalta uma entidade de grandeza máxima:

E tudo caía com rostos na terra,
porque a poesia está muito alta
acima de vós, mundo muito pequeno!
("A poesia está muito acima": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 58)

Para além de exigir reverência à força maior, poesia, "Os vãos eram fora do tempo" afirma que ela é em si a graça divina:

A graça do Senhor, a Musa do Senhor, a Poesia do Senhor
são além do espaço, além do tempo.
Bendita a eterna Poesia.
("Os vãos eram fora do tempo": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 68)

E a poesia elevada à altura da eternidade divina encerra a primeira parte de *TE*.

Poeta eterno

Não há como não perceber o destaque dado por Murilo Mendes à figura de Ismael Nery. Em "Meu novo olhar", o eu lírico poeta identifica-se com o próprio Murilo e presta homenagem ao amigo morto:

Meu novo olhar é o de quem assistiu à paixão e morte do Amigo,
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo.
("Meu novo olhar": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 77)

Note-se que Nery é chamado poeta, justamente aproximando a poesia da doutrina essencialista – responsável pelo novo olhar de Murilo Mendes – e da morte, ou vida eterna, segundo a tradição cristã. Outro poema, "Ismael Nery", procura retratar Nery como um homem superior. Aqui a poesia é sinônimo de sabedoria:

A sabedoria se manifesta pelos seus lábios
E a plenitude da arte pelas suas mãos.
("Ismael Nery": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 110)

Poeta humano

Da face positiva de um Deus ambíguo (afirmada, por exemplo, em “Novíssimo Job”: *É doce te encarar como poeta e amigo / É duro te encarar como criador e juiz*), a figura do poeta estende-se à criatura humana. “Filiação” afirma a descendência divina do poeta, e adiciona à imagem do mundo problemático a idéia da ausência de poesia:

Vinde a mim, órfãos de poesia,
Chorem sobre o mundo mutilado.
 (“Filiação”: fragmento.
 In: Lima & Mendes, 1935: 85)

Tais versos não deixam de sugerir, pelo eu lírico, que o choro sobre a infelicidade também é poesia. Talvez esteja aí a mensagem de protesto, que o poeta de Murilo Mendes não se esforça em esconder.

As fraquezas do poeta humano aparecem também no poema “Angústia e reação”:

Há instantes em que um avião
Nos parece mais belo que um mistério de fé,
 (“Angústia e reação”: fragmento.
 In: Lima & Mendes, 1935: 91)

Mas as dúvidas do poeta são para serem superadas pela poesia, colocada lado a lado ao valor do amor e da espiritualidade:

É necessário morrer de tristeza e de nojo
Por viver num mundo aparentemente abandonado por Deus,
E ressuscitar pela força da prece, da poesia e do amor.
 (“Angústia e reação”: fragmento.
 In: Lima & Mendes, 1935: 91)

“Eternidade do Homem” recorre da mesma idéia da utilidade do sofrimento do poeta.

Vê-se no sofrimento uma forma de purificação:

Descerei até o fundo da mina do sofrimento

Para que um dia me apontes o céu da paz.
("Eternidade do Homem": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 97)

Neste percurso tortuoso, o poeta encontra a sua musa.

O poeta e a Igreja

É tema constante em *TE* de Murilo Mendes a admiração da musa. A musa do poeta de Murilo é, neste livro, o mais distante do costume mundano possível:

Estás desligada da geração que te trouxe ao mundo.
Anulas meu interesse pelo espetáculo da existência.

O poema "À Musa" insere um intermediário entre o poeta e Deus:

Tu és a relação entre o poeta e Deus.
Tu prefiguras uma imagem do Eterno
Porque a todo o instante organizas o mundo.
Sem ti minha poesia se extinguirá,
Sem ti eu ficaria mirando as construções do tempo.
Tu assistes aos movimentos da minha alma,
E aumentas minha sede do ilimitado.
Um dia, quando o Eterno me der a grande força,
Prenderei a tua cabeça entre as constelações
A fim de orientar os poetas futuros.
("À Musa": texto integral.
In: Lima & Mendes, 1935: 92)

A musa é quem dá vida e inspiração à poesia do eu lírico, e é quem permite o relacionamento do poeta com o eterno. A musa estimula a tarefa do poeta. O eu lírico mostra-se, assim, seguro de que a poesia de inspiração do Eterno – este Deus indefinido –, é a verdadeira poesia.

"Dupla louvação" é outro caso da relação santa entre o poeta e a musa. Neste poema, o poeta agradece ao ser superior por ter criado a musa, manifestando-se por meio dela, e assim a própria poesia:

As suas feições se ligam à tua grandeza:
Por seu intermédio me transmites a poesia.
("Dupla louvação": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 109)

"Dupla louvação" e "À musa" são declarações à musa inspiradora, isto é, a Igreja.

Jesus poeta

Por vezes a personagem do poeta de Murilo Mendes aparece associada à figura de Jesus Cristo, como por exemplo em "Calendário do poeta":

O sol de Jesus Cristo, meu poeta e meu Deus,
Ilumina sem perspectiva
("Calendário do poeta": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 115)

No poema, o Amigo e a Musa iluminados por Jesus poeta são o espírito do artista Ismael Nery e a Igreja, que funcionam como mediadores da Verdade ao poeta.

Ainda mais forte aparece a identificação do poeta com Cristo em "Vocação do poeta":

Vim para sofrer as influências do tempo
E para afirmar o princípio eterno de onde vim.
("Vocação do poeta": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 81)

Eis um Cristo adaptado à condição contemporânea – poeta engajado a combater a diferença entre classes. Diz o poema:

Vim para anunciar que a voz dos homens
Abafará a voz da sirene e da máquina,
E que a palavra essencial de Jesus Cristo
Dominará as palavras do patrão e do operário.
("Vocação do poeta": fragmento.
In: Lima & Mendes, 1935: 81)

O verbo principal da “Vocação do poeta” – “vim” – constrói o discurso que afirma para o poeta uma “missão predestinada”. Aqui, a missão do poeta é atravessar as desventuras do tempo e atuar em favor dos menores, conscientizando de que o princípio humano (eterno) é superior à fábrica e à máquina do mundo moderno.

Compromisso com os problemas do tempo

O trabalho poético sobre a figura do poeta é muito importante para *TE* sustentar-se como a declaração de uma nova poesia, ou uma poesia de retorno à raiz espiritual, com base no carolicismo, a religião “constitutiva da unidade nacional”, como diria Jackson de Figueiredo (Pinheiro Filho, 2007: 38). Ao tratar por meio da poesia o tema da própria poesia e do papel do poeta, Jorge de Lima e Murilo Mendes expõem a sua proposta de “restauração da poesia em Cristo” tanto teoricamente como na prática.

Mesclando o metro popular à seriedade do rito católico, Jorge de Lima explora a figura do poeta como um sujeito especial, dotado de incomum sensibilidade para as coisas do tempo e espírito e de carisma para a transmissão da mensagem a um grande número de pessoas, como um poeta-profeta. O poeta a serviço do Senhor demonstra certeza da sua tarefa; certeza muitas vezes abalada, é verdade, o que fica evidente com a imagem da nau perdida no mar. O poeta perdido, no entanto, sempre se reconcilia com o seu guia eterno. Assumindo a sua condição de criatura imperfeita, mostra-se sempre temente ao Criador; como mensageiro da eternidade, é sempre subordinado a Deus. Assim, em “Poeta, poeta, não podes”, por exemplo, o poeta é alguém capaz de mudar o mundo inteiro, mas não os desígnios “eternos”. Como apóstolo semeador da palavra de Deus, o poeta de Jorge de Lima é comprometido com os problemas sociais e tem por

missão defender a poesia em sentido amplo, das coisas “belas” e “boas”, para salvação do mundo.

Ao passo que o poeta nos poemas de Jorge de Lima é sempre inferior à figura divina, Murilo Mendes parece que vai mais longe. Tomando como modelo de poeta ideal a figura de Ismael Nery, o poeta desencarnado, Murilo traz a idéia da poesia associada ao plano do eterno; contudo, na dimensão temporal, a imperfeição do poeta é acentuada (em comparação à parte de Jorge de Lima). Os sofrimentos do mundo, como os sofrimentos de Cristo, são provações para o poeta – o que não significa que ele assume uma postura conformista. Pelo contrário, o poeta militante enfrenta o próprio Deus, pondo em dúvida a bondade e o senso de justiça do Todo-Poderoso. Embora a Igreja seja musa inspiradora, o Deus de Murilo Mendes, sob o ângulo do sujeito lírico poeta, é menos definido que o de Jorge de Lima.

As diferenças que encontramos nas duas metades de *TE* quanto à abordagem da figura do poeta parecem revelar que o projeto de “restauração da poesia em Cristo” não teve no livro um *resultado*, mas um movimento em *processo*. Se formos discutir os pontos em semelhança entre os textos de Jorge de Lima e de Murilo Mendes, que certamente são vários, destacaremos que a figura do poeta em ambos mostra incerteza e insegurança. A oscilação das posturas do eu lírico em relação aos dois planos da proposta – tempo e eternidade –, nos faz acreditar, coplementarmente, que o projeto não teve base tão homogênea.

Tais sentimentos do poeta – incerteza, insegurança em relação ao seu papel e ao caminho a seguir – não anulam, contudo, a sua esperança de superação. “No princípio era o Verbo” (João,1:1): assim, Deus cria o mundo pela palavra falada. O poeta, por sua vez, cria mundos pela palavra escrita. A poesia como escrita imaginária, passa a ser um meio para se alcançar outras realidades (um mundo melhor?) e dimensões que estão

para além do tempo e do espaço. É por esta possibilidade de transcender a matéria que a poesia se torna um instrumento tão importante na formação religiosa de Jorge de Lima e Murilo Mendes, se não também do próprio Centro Dom Vital. Neste sentido, *TE* pode ser encarado como um exercício de fé.

De todo modo, a poesia é, nas duas metades de *TE*, uma tarefa vinda de uma natureza superior, da mesma forma como coloca a teoria da “loucura do poeta” examinada por Curtius (1957: 506): “A teoria da ‘loucura do poeta’ baseia-se no pensamento profundo da inspiração numinosa da poesia – idéia que sempre ressurgue, de tempos em tempos, por assim dizer, como saber esotérico, da origem divina da poesia”.

De tempos em tempos, para não dizer que é uma questão inerente ao homem de todas as épocas, voltamos a falar da natureza material vs. espiritualidade, e a aderir à defesa da primeira ou da segunda. À maneira deles, Murilo Mendes e Jorge de Lima também defenderam a volta ou a conservação – restauração – de verdades espirituais. Mas esta poesia de celebração do “princípio eterno” do homem mostrou-se inteiramente preocupada com o tempo.

REFERÊNCIAS

Athayde, Tristão. *Estudos (2ª série)*. Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1928.

Barbosa, Leila Maria Fonseca & Marisa Timponi Pereira Rodrigues. *A trama poética de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

Barreto, Ricardo Gonçalves. *A palavra revelada – Lírica e pensamento católico no Brasil Moderno*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

Curtius, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Rio de Janeiro: INL, 1957.

Pinheiro Filho, Fernando Antonio. “A invenção da ordem – Intelectuais católicos no Brasil”. In: *Tempo Social* – Revista de sociologia da USP, v. 19, nº 1. 2007.

Preminger, Alex & Terry V.F. Brogan (editors). *The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1995.